

## Resenha

VIEIRA, Lucas Nunes. Post-editing of machine translation. In: O'HAGAN, Minako (ed.). **The Routledge Handbook of Translation and Technology**. Cap. 19. London; New York: Routledge, 2020.

Talita Ferreira de Souza Brito<sup>1</sup>

O capítulo “Post-editing of Machine Translation”, escrito por Lucas Nunes Vieira e publicado no *Routledge Handbook of Translation and Technology* (2020), oferece uma análise abrangente sobre a prática da pós-edição, abordando sua evolução, desafios e implicações profissionais. O autor emprega o conceito de forma ampla, ao tratar de diferentes tipos de atividades realizadas tanto por humanos quanto por computadores. Ao longo do texto, são discutidos temas como o histórico da pós-edição, seus diferentes modos e níveis, os tipos de esforço envolvidos, as especificidades da tradução literária, as recomendações formuladas por diretrizes industriais e, por fim, a questão da agência do tradutor frente às tecnologias. Vieira (2020) equilibra considerações técnicas e teóricas com dados empíricos, construindo uma reflexão crítica sobre os rumos da tradução na era da automação.

Vale destacar que o volume em que o capítulo está inserido integra uma das coleções de maior prestígio acadêmico da área, o que já sinaliza a relevância do tema e sua centralidade no debate contemporâneo sobre tradução e tecnologia. Trata-se de um tema especialmente pertinente em um cenário de rápidas transformações tecnológicas, no qual somos levados a refletir sobre qual é, ou qual deveria ser, o papel do ser humano. Tal discussão é, por seu turno, inseparável de questões éticas profundas, que envolvem autonomia e o valor do trabalho tradutório.

---

<sup>1</sup> UFC

O autor observa que, desde o início dos estudos sobre tradução automática (MT), a pós-edição foi frequentemente vista sob uma perspectiva negativa pelos próprios pesquisadores da área, que muitas vezes se referiam à atividade como uma “etapa final indesejada” (VIEIRA, 2020, s/p). Além de indicar a baixa qualidade das traduções geradas automaticamente, a pós-edição relegava o trabalho humano à condição de subproduto da atuação da máquina. Em alguns casos, inclusive, nem era exigido que os pós-editores conhecessem o texto-fonte.

Contudo, com o avanço das ferramentas de tradução assistida por computador (CAT), houve também uma mudança de paradigma, em que o trabalho humano passou a ocupar o centro do processo tradutório. Em vez de uma atividade automática em que o elemento humano atuava como mero corretor, chega-se ao entendimento de que a MT pode ser um recurso para potencializar a produtividade humana. Por outro lado, “a integração de diferentes tecnologias em ambientes de CAT também tornou imprecisas as linhas entre tecnologias e diferentes fontes de assistência que podem ser usadas no processo de tradução.”<sup>2</sup> (VIEIRA, 2020, s/p, tradução nossa). O grande desafio do tradutor diante desse cenário é duplo: incorporar novas ferramentas e, ao mesmo tempo, repensar constantemente seu próprio papel frente às transformações que reconfiguram a prática tradutória.

Vieira, em seguida, conecta o tópico da pós-edição ao conceito de custo-benefício, ou, como prefere definir, “esforço versus qualidade”. De acordo com um estudo, o esforço envolvido na pós-edição pode ser dividido em três tipos: cognitivo, técnico e temporal (KRINGS, 2001 *apud* VIEIRA, 2020). Ao fim, a produtividade pode ser compreendida como a relação entre o nível de qualidade desejado e o esforço necessário para alcançá-lo.

Embora, à primeira vista, a distinção entre os três tipos de esforço propostos pelo autor possa soar excessivamente analítica, já que o esforço temporal parece redundante em relação aos outros dois, considero útil a inclusão dessa terceira categoria por permitir uma avaliação mais precisa do desempenho entre profissionais com diferentes perfis. O fator tempo viabiliza a aferição da variação de habilidades individuais, como a capacidade de tomar decisões ou o domínio técnico de ferramentas. Isso

<sup>2</sup> “integrating different technologies into CAT environments has also blurred the lines between technologies and different sources of assistance that can be used in the translation process.”

também levanta uma questão ética e econômica: como compensar, em termos de valorização profissional, diferenças de esforço que não resultam em maior tempo ou custo para o cliente? Essa reflexão aponta para a necessidade de modelos de avaliação mais qualitativos que considerem não apenas o tempo, mas também a complexidade do processo.

O autor distingue dois modos de pós-edição: o estático, em que o texto é editado após sua geração, e o interativo, que permite a colaboração em tempo real entre tradutor e sistema de MT. Ambos apresentam vantagens e desvantagens. Um experimento mostrou que o uso da ferramenta *TransType*, no modo interativo, como recurso de digitação preditiva, levou a uma redução de 35% na produtividade em comparação com o modo estático (LANGLAIS; LAPALME, 2002, p. 90 *apud* VIEIRA, 2020, s/p). Por outro lado, testes com modelos interativos nos quais o sistema de MT aprendia com as edições dos tradutores sugeriram que essas condições demandavam menos esforço técnico (KOEHN *et al.*, 2015, p. 23–28 *apud* VIEIRA, 2020, s/p). O que se depreende dessas evidências é que não há um modo ideal universal; a escolha depende da natureza da tarefa e do equilíbrio entre habilidades humanas e recursos tecnológicos disponíveis.

O capítulo também dedica atenção às diferentes modalidades de pós-edição, que variam conforme os objetivos comunicativos do texto e os padrões de qualidade exigidos, podendo ser mais leves ou mais completas, a depender da função. A lógica predominante é que quanto menor o tempo despendido na edição, menor tende a ser a qualidade final. Vieira apresenta diretrizes industriais, como as da TAUS e da norma ISO 18587, que refletem uma lógica funcionalista, embora nem sempre se apliquem de forma clara no cotidiano profissional. A meu ver, a grande pergunta que se levanta é: até que ponto essas diretrizes realmente contribuem para a prática tradutória e respeitam a individualidade do tradutor? Diante do exposto, parece-me que há mais tentativas de controle do que reconhecimento das particularidades do trabalho tradutório.

O capítulo também discute brevemente o uso da pós-edição na tradução literária. Ao analisar estudos sobre sua viabilidade, o autor sugere que há ganhos de produtividade tanto com a tradução automática neural (NMT) quanto com a estatística baseada em frases (PBSMT). Entretanto, permanecem desafios quanto à qualidade do texto final, dada a especificidade do gênero literário. Isso ajuda a explicar por que muitos

tradutores literários ainda preferem a tradução do zero (*from scratch*) à pós-edição. “Isso porque na tradução literária – talvez mais do que em outras áreas de especialização –, a velocidade pode ser menos crítica do que fatores como criatividade, estética e a experiência do leitor.”<sup>3</sup> (VIEIRA, 2020, s/p, tradução nossa). Nesse sentido, a tradução literária levanta uma questão crucial: vale realmente a pena investir tempo e esforço na pós-edição de textos cuja reescrita será, de todo modo, profunda?

Em sua seção final, Vieira propõe pensar a pós-edição a partir da noção de agência, entendida como a capacidade do tradutor de agir de forma autônoma frente às tecnologias. Essa abordagem abre espaço para uma leitura crítica das formas de controle e liberdade que coexistem no atual ecossistema da tradução. Sabe-se que, na maioria dos contextos profissionais, o tradutor não toma todas as decisões por conta própria, o que torna o ambiente ideal para o pleno exercício de escolhas ainda uma meta distante. Contudo, os contextos de trabalho variam, e há situações em que se confere maior ou menor grau de liberdade quanto ao uso das tecnologias. A realidade atual suscita uma pergunta importante: o advento tecnológico tem proporcionado mais liberdade ou mais restrições ao tradutor? Afinal, qualquer discussão sobre agência só faz sentido se houver, de fato, algum espaço para a tomada de decisão individual.

Vieira, finalmente, retoma a oposição entre dois paradigmas apresentados logo na introdução: o da tradução centrada na automação e o da tradução centrada na atividade humana. Ele não os apresenta como dicotomias excludentes, mas como polos de um espectro entre os quais o tradutor pode se mover conforme as condições da tarefa. Em vez de argumentar que a tradução com mais ou menos intervenção da MT seja superior ou inferior, o autor defende que o mais desejável seria garantir ao tradutor a possibilidade de escolha, conforme o tipo de texto, o contexto profissional e os objetivos da tradução.

Diante dessas questões levantadas até aqui, é provável que ainda convivamos com múltiplos cenários. Observa-se uma relação dialética, em que diferentes possibilidades coexistem, algumas promissoras, outras preocupantes. De um lado, as ferramentas tecnológicas oferecem facilidades

<sup>3</sup> “This is because in literary translation – perhaps more so than in other areas of specialization – speed may be less critical than factors such as creativity, aesthetics and the readers’ experience.”

concretas em todas as etapas da atividade tradutória; de outro, é essencial que o tradutor tenha liberdade para decidir como e quando utilizá-las. Em síntese, o capítulo oferece uma contribuição valiosa ao debate contemporâneo sobre a tradução automática e seus desdobramentos. Ao tratar a pós-edição não como uma etapa técnica isolada, mas como uma prática complexa, situada e mediada por escolhas humanas, Vieira abre caminhos para novas reflexões sobre o papel do tradutor e das ferramentas de tradução, incluindo suas implicações éticas. Em última instância, o que está em jogo é o lugar do humano em um cenário de transformações constantes, e se suas capacidades estão, de fato, sendo reconhecidas, preservadas e valorizadas. Afinal, por mais automatizados que sejam os processos, tudo ainda perpassa, e deve continuar perpassando, por esse olhar.